



O Factor China

GILBERTO DUPAS

Presidente, Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais, São Paulo

A China é o novo fenômeno da economia global. Em 1978, o seu comércio externo era de apenas US\$ 21 bi; passou para US\$ 850 bi. Seu PIB igualou o da França e do Reino Unido e está se aproximando da Alemanha, mantendo uma taxa de expansão muitas vezes maior que o de ambos. Com sua mão-de-obra insuperavelmente barata e bem qualificada, o país transformou-se no grande produtor mundial de bens de consumo durável para as corporações mundiais; isso lhe gera um superávit de US\$ 200 bi anuais com os EUA, que ele aplica em grande parte em títulos do próprio Tesouro americano. A demanda chinesa por matérias-primas para sustentar seu crescimento de quase 10% ao ano tem mantido em forte ascensão o preço internacional de commodities nos últimos 4 anos.

A imensa reserva de mão-de-obra rural chinesa, disposta a trabalhar a preços irrisórios, foi uma das condições essenciais para o atual modelo de crescimento do país. A enorme demanda urbana de trabalho nos parques industriais, na construção civil e nos serviços tentam abrigar um fluxo anual de 10 milhões de pessoas que migram a cada ano do campo para as cidades, buscando escapar da pobreza e acessar novas oportunidades; elas se entrosam com as populações suburbanas, dando origem a núcleos periféricos que - além e “cidades-dormitório” - também se instalam como produtores de hortaliças, carnes e roupas para a população das cidades. Porém, uma das conseqüências desse processo é a fragilização dos laços entre o cidadão e seu município, rompendo um elo da cadeia que lhe permitia receber os benefícios sociais do Estado. Com isso, já existe um exército de cerca de 80 milhões de chineses miseráveis - que tende a aumentar - dispostos a trabalhar pelo país afora como semi-escravos em tarefas informais de baixíssima remuneração.

The China Factor

GILBERTO DUPAS

President, Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais, São Paulo

China is the new phenomenon in global economy. In 1978, its external trade amounted to a mere US\$ 21 bi; it has now reached US\$ 850 bi. Its GDP is already equal to that of France and the United Kingdom and is getting close to Germany's, while its expansion rate is highly superior to these countries' growth levels. With its insuperably cheap and well-qualified labor force, the country has turned into the great world producer of durable goods for global corporations; this leads to an annual US\$ 200 bi surplus with the USA, which China largely applies in bonds of the American Treasury itself. In the last 4 years, the country's demand for raw material to sustain its annual growth of almost 10% has kept international commodity prices at a steady rise.

The huge stock of Chinese rural work force, willing to work at ridiculous prices, was one of the essential conditions for the country's current growth model. The enormous urban demand for work in industrial parks, civil construction and services tries to shelter an annual flow of 10 million people who migrate from the countryside to the cities each year, in an attempt to escape from poverty and get access to new opportunities; they adapt to the suburban populations and give rise to peripheral centers which - besides being “satellite-towns” - also develop as producers of vegetables, meat and clothing for the city populations. However, one of the consequences of this process is the weakening of bonds between citizens and their city, breaking a link in the chain that allowed them to receive the State's social benefits. This way, there is now an army of about 80 million miserable Chinese - which tends to increase - who are willing to work anywhere as semi-slaves in informal jobs and at very low wages. This reality entails serious effects, as it is unedited

Essa realidade tem graves efeitos por ser inédita em uma nação que, à época do regime comunista, tinha uma pobreza horizontal intensa; mas a cada cidadão o regime garantia uma vestimenta, duas tigelas de arroz diárias, educação e saúde básicas.

O frágil equilíbrio desse complexo processo de engenharia social é agravado pelo fato de que a China precisa alimentar 25% da população mundial com apenas 7% das terras aráveis; de que seu déficit energético é imenso; e de que é necessário produzir uma dezena de milhões de novos empregos por ano, num quadro de imensa desigualdade de rendas. Isso exige uma enorme competência de governança, o maior desafio para esta nova geração de dirigentes do PCC, num país onde o papel do Estado ainda é muito maior que o do mercado. Por enquanto os sucessos são impressionantes. Para além do crescimento excepcional da economia, basta constatar que em apenas trinta anos a China teve o número de universitários aumentado de 1,4% para 20% da população total. Deng Xiaoping, ao lançar sua reforma, não podia mais associar-se à soluções dos Tigres Asiáticos, já que a conjuntura que havia permitido os NICs havia se alterado. O mundo industrializado reintroduzira práticas protecionistas em regime de intensa globalização, e a China teve que inventar seu caminho original de industrialização tardia. A estratégia principal chinesa consiste em apropriar-se de soluções tecnológicas existentes e montar sua rede de corporações globais, inclusive comprando canais e estruturas já existentes, como fez recentemente com a Lenovo adquirindo o departamento de PCs da IBM. Amplos investimentos mundiais também têm sido feitos, aproveitando sua gigantesca reserva em moeda externa, para buscar garantir suprimentos de matérias-primas e obter expertise em setores que interessam ao país. A economia de mercado na China ainda é um processo em andamento. O governo reformista chinês tende a aplicar um processo gradual de privatização de baixo para cima, ao contrário do que aconteceu no Leste Europeu. Amaury Porto de Oliveira

in a country that, at the time of the communist regime, was marked by intense horizontal poverty; but the regime guaranteed each citizen with clothing, two bowls of rice a day, basic education and health.

The fragile equilibrium in this complex social engineering process is aggravated by the fact that China needs to feed 25% of the world's global population with only 7% of its arable land; that its energy deficit is enormous; and that there is a need to produce about ten million new jobs per year, in a framework of immense income inequality. This requires enormous governance competence, the greatest challenge for this new generation of PCC leaders, in a country where the State still plays a much bigger role than the market. For now, the successes are impressive. Besides the exceptional growth of China's economy, we have but to look at the number of university graduates, which has increased from 1.4% to 20% of its total population in a mere 30 years. In launching his reform, Deng Xiaoping could no longer join the solutions used by the Asian Tigers, as the conjuncture that had allowed for the NICs had changed. The industrialized world had reintroduced protectionist practices in an intense globalization regime, and China had to invent its original course of late industrialization. The main Chinese strategy consists in taking existing technological solutions and setting up its network of global corporations, including the purchase of existing channels and structures, as was recently done by Lenovo when it acquired IBM's PC department. The country has also made considerable global investments, using its gigantic foreign exchange reserves in an attempt to guarantee raw material supplies and obtain expertise in sectors of interest to the country. The market economy in China is still an ongoing process. The reformist Chinese government tends to apply a gradual bottom-up privatization process, as opposed to what happened in Eastern Europe. Amaury Porto de Oliveira reminds that it was only at the end of 1993 that the PCC formalized its decision to construct a

lembra que foi só em final de 1993 que o PCC formalizou a decisão de construir uma “economia socialista de mercado”, anunciando-a simbolicamente como decorrência do princípio marxista que recomenda privilegiar cada momento com “o novo que brota, em vez do velho que fenece”. Ele avançou com combinações inovadoras na relação capital público-privado e foi deixando o novo tomar conta do velho; quatro anos após o capital público já era minoritário e caíra para 30% no setor industrial. O modelo chinês é extremamente aberto ao exterior; estimativas norte-americanas indicam que 74% do seu PIB vêm de comércio internacional, contra apenas 23% do Japão. E as suas exportações estão cada vez mais incorporando valor e tecnologia. Estratégias estão sendo montadas para integrar nesse processo os 53 centros de tecnologia criados pelo Programa Torch em 1988 para remodelar o sistema de inovação do país. Mais de 60% das 800 universidades chinesas situam-se no interior ou nos arredores desses centros - alguns incluindo investimentos internacionais - incorporando técnicos de alta especialização e funcionando como incubadores de empresas. Um dos resultados foi a Legend, agora transformada em Lenovo, que surgiu graças à interação de pesquisa universitária com capital de risco estatal.

Finalmente é preciso ressaltar o crescente entrosamento da China com o mundo chinês da orla asiática do Pacífico. Hong Kong hoje é o coordenador do complexo manufatureiro do Delta do Rio das Pérolas. Taiwan é uma das principais conexões das manufaturas chinesas com as várias cadeias produtivas globais. E Cingapura ajuda a compor o “Círculo Chinês”, um conglomerado de forças econômicas que tem a China como pivô. Esse complexo agora dá o salto das manufaturas OEMs (para terceiros) em direção a marcas originais (OBMs). Com isso a margem de lucro e os empregos aumentam e há mais possibilidade de e formar alianças ampliadoras de mercado.

É importante verificar como intelectuais e líderes chineses vêem o futuro das relações

“socialist market economy” and symbolically announced it as a consequence of the marxist principle that recommends privileging each moment with “the new things that are born, instead of the old ones that are dying”. The country advanced through innovative combinations in the relation between public and private capital and gradually let the new take over the old; four years later, public capital had already become a minority and decreased to only 30% in the industrial sector. The Chinese model is extremely open to other countries; North-American estimates indicate that 74% of its GDP comes from international trade, against a mere 23% in Japan. And its exports are increasingly incorporating value and technology. Strategies are being set up to integrate the 53 technology centers, created by the Torch Program in 1988 to remodel the country’s innovation system, into this process. More than 60% of the 800 Chinese universities are located in the interior or near these centers – some of them with international investments – incorporating highly specialized technicians and acting as business incubators. One of the results was Legend, now turned into Lenovo, which emerged thanks to the interaction between university research and state risk capital.

Finally, there is a need to highlight China’s growing interplay with the Chinese world in the Asian margin of the Pacific. Hong Kong now coordinates the manufacturing complex in the Pearl River Delta. Taiwan is one of the main connections between Chinese manufacturers and different global production chains. And Singapore helps to compose the “Chinese Circle”, a conglomerate of economic powers with China as its pivot. This complex is now jumping from Original Equipment Manufacturing (for third parties) towards Own Brand Manufacturing. This increased profit margins and jobs, with greater possibility to close alliances that expand the market.

It is important to take a look at how Chinese intellectuals and leaders see the future of their country’s relations with the world. Zheng Bijian, director-general of the

de seu país com o mundo. Zheng Bijian, presidente do Fórum de Reforma da China, diz que o plano estratégico do país prevê mais 45 anos até que ele possa atingir um estágio equivalente a uma nação desenvolvida de nível médio. Afinal, sua renda per capita (pelo PPP) é de US\$ 5.500 anuais, cerca de metade da mexicana e dois terços da brasileira. As limitações críticas chinesas são: escassez de recursos naturais para suportar o imenso crescimento da demanda de 1,3 bilhões de pessoas; graves impactos ambientais; e falhas de sincronia entre crescimento do PIB e desenvolvimento social. Há várias outras tensões a superar: desenvolvimento tecnológico versus geração de empregos; orientação pró-mercado versus cuidados com a população carente; urbanização versus produção de alimentos; e aumento do fosso entre ricos e pobres. O governo chinês coloca-se diante de três grandes desafios estratégicos: ultrapassar o modelo de industrialização baseado em alto consumo de energia, grande poluição e elevado investimento por outro baseado em tecnologia, baixo consumo de recursos naturais e reduzido impacto ambiental; superar a rota do conflito ideológico como forma de ascensão; e construir uma sociedade socialista harmoniosa e democrática. Também nesse último capítulo há enormes problemas. A China cresce hoje porque um governo forte pode impor linhas gerais inteligentes na economia e na política. A visão chinesa de democracia não é, e nem poderia ser, a ocidental; da mesma forma que “socialismo de mercado” é um termo ambíguo e contraditório. Tendo que lidar com desafios políticos e sociais imensos, o governo usa de todos os seus recursos simbólicos e fala, inclusive, em pavimentar o caminho para a democracia com o lançamento de grande número de programas de “educação moral”, linguagem que lembra o velho Mao.

A China não tem nenhuma ilusão em disputar o poder militar com os EUA. Seu objetivo é tornar-se um pólo econômico mundial alternativo ao pólo americano. Joshua Cooper Ramo, cientista político

Forum on China's Reform and Opening-up, says that the country's strategic plan expects another 45 years before reaching a stage that is equivalent to a medium developed country. After all, its per capita income (using PPP) is US\$ 5,500 per year, corresponding to about half of the Mexican and two thirds of the Brazilian per capita income. China's critical limitations are: scarcity of natural resources to support the immense growth in the demands of 1.3 billion people; serious environmental impacts; and lack of synchrony between GDP growth and social development. Various other tensions need to be overcome: technological development versus job creation; pro-market orientation versus care for the needy population; urbanization versus food production; and the increasing gap between the rich and the poor. The Chinese government is faced with three large strategic challenges: moving beyond the industrialization model, based on high energy consumption, great pollution and high investments, to another model based on technology, low consumption of natural resources and reduced environmental impact; overcoming the route of ideological conflict as a form of ascension; and constructing a harmonious and democratic socialist. This last chapter also entails enormous problems. China is growing today because a strong government can impose intelligent general lines in the economy and politics. The Chinese view of democracy is not, and neither could be, the Western; in the same way as “market socialism” is an ambiguous and contradictory term. Being obliged to cope with immense political and social challenges, the government used all of its symbolic resources and is even talking about paving the road towards democracy with the launch of a large number of “moral education” programs, in terms that remind us of old Mao.

China has no illusion whatsoever about disputing military power with the USA. Its goal is to become a global economic pole that presents an alternative to the American pole.

norte-americano com livre trânsito nos círculos intelectuais da RPC fala que a China procura criar núcleos de poder assimétrico que dariam ao país – no caso de um indesejado confronto com os EUA – vantagens de excelência manufatureira do tipo que os EUA tiveram na segunda guerra mundial. Uma das idéias em estudo é concentrar legiões de especialistas em pontos-chave de uma eventual guerra cibernética, aplicando princípios revolucionários no campo militar que eles chamam de “acupuntura bélica”.

O fato é que, apesar de “sócios” com fortes interesses comuns na economia global, são intensas as rivalidades entre os EUA e a China; e o vertiginoso crescimento do país é visto com receio por parte expressiva das lideranças ocidentais. Wang Jisi, Reitor na Universidade de Pequim e Diretor do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais do PC chinês, é muito realista ao reconhecer que a supremacia global dos EUA só declinará à muito longo prazo. Jisi conclui, pois, que uma cooperação com Washington é de vital importância para a China. Por outro lado, acha que os EUA precisam da China para controlar o terrorismo, a proliferação nuclear, o Iraque e o Oriente Médio. Mas adverte que, apesar de toda a sua força, os EUA não são invencíveis e precisam de ajuda e alianças. Para ele, os EUA colaboraram muito para o esfriamento das relações China-Japão. No caso da Coreia do Norte, acha que os americanos não tinham escolha e aceitaram o auxílio de Pequim para acalmar as ameaças de Pyongyang. Já nas divergências sobre Taiwan, a China as encara como uma questão interna e pede aos EUA que não se envolvam.

As relações EUA-China permanecem, assim, com grandes paradoxos. Não há confrontação, como foi com a Rússia na guerra fria. Mas os chineses querem uma relação entre iguais; e ela é muito assimétrica em função da projeção de poder dos dois países. Se os EUA crescerem apenas a 2% ao ano – metade da taxa atual - ainda serão três vezes maior do que a China em 2025, se ela continuar a crescer a 8%. Portanto, ela

Joshua Cooper Ramo, a North-American political scientist with free passage in the intellectual circles of the PRC, says that China is seeking to create asymmetrical power cores that would provide the country – in case of an unwanted confrontation with the USA – with advantages of manufacturing excellence, like the USA had in the second world war. One of the ideas that is being studied is to concentrate legions of specialists in key points with a view to an eventual cybernetic war, applying revolutionary principles in the military sphere, which they call “war acupuncture”.

The fact is that, in spite of being “partners” with strong common interests in the global economy, the rivalries between the USA and China are intense; and a considerable part of western leaders sees the country’s vertiginous growth with fear. Wang Jisi, Dean of the School of International Studies at Peking University and Director of the Institute of International Strategic Studies at the Central Party School of the Communist Party of China, is very realistic in recognizing that the USA’s global supremacy will only decline in the very long term. Thus, Jisi concludes that cooperation with Washington is vitally important for China. On the other hand, he believes that the USA needs China to control terrorism, nuclear proliferation, Iraq and the Middle East. But he warns that, despite its huge strength, the USA is not invincible and needs help and alliances. According to him, the USA greatly collaborated in cooling down the relations between China and Japan. In the case of North Korea, he thinks that the Americans had no choice and accepted Beijing’s help to calm down the threats from Pyongyang. As to the divergences about Taiwan, China sees this as an internal matter and asks the USA not to get involved.

Thus, the relations between the USA and China remain highly paradoxical. There is no confrontation, like what happened with Russia in the cold war. But the Chinese want a relation as peers; and it is very asymmetric due to both countries’ power projection. If the USA grows at a mere 2%

precisa de paz para trabalhar seu complexo projeto. A China é um dragão equilibrando-se sobre uma fina corda; se os EUA a balançarem demais, os dois sofrerão. Por outro lado, fracassos dos EUA no Oriente Médio e no combate ao terrorismo na Ásia implicam para a China em risco de falta de petróleo e insegurança nas fronteiras do oeste. Em resumo, o país sente-se simultaneamente forte - pelo sucesso econômico - e vulnerável porque percebe os EUA espreitando para desestabilizá-la. Todo esse quadro, evidentemente, oferece uma oportunidade estratégica importante tanto para a Europa como para a América Latina: ajudarem a abrir espaços para acomodarem a China no mundo global e em seus fóruns multilaterais, tentando fazer de sua presença um fator de progressiva estabilidade. Antes de tudo, é preciso reconhecer a qualidade e o peso desse novo e decisivo player e promover alianças que o comprometam progressivamente com a boa ordem internacional. Essas medidas podem contribuir para a manutenção de um crescimento mundial forte e de uma estrutura de poder mais equilibrada. Por outro lado, a China pode estar mostrando um caminho para que outras grandes nações da periferia do capitalismo, especialmente da América Latina, tentem caminhos originais de inserção na atual lógica internacional com alguma autonomia e vantagem relativa. Como se vê, o fator China é cada vez mais vital ao futuro do mundo global.

per year – half of its current rate – it will still be three times bigger than China in 2025, provided that that country's 8% growth persist. Therefore, the country needs peace to work on its complex project. China is a dragon walking a tightrope; if the USA swings it too much, both countries will suffer. On the other hand, if the USA fails in the Middle East and in fighting terrorism in Asia, this implies a risk of insufficient oil and insecurity on the Western borders for China. In short, the country feels at the same time strong – because of its economic success – and vulnerable, because it sees the USA prying to destabilize it. This entire picture clearly offers an important strategic opportunity for Europe as well as for Latin America to help and make room to accommodate China in the global world and its multilateral forums, trying to turn its presence into a factor of progressive stability. Above all, there is a need to acknowledge this new and decisive player's quality and weight and promote alliances that progressively commit it to good international order. These measures can contribute to keep up a strong global growth and a more balanced power structure. On the other hand, China could be showing the course for other large nations in the periphery of capitalism, especially in Latin America, to try original roads of insertion into the current international logic, with a certain degree of autonomy and a relative advantage. As we see, the China factor is increasingly vital to the future of the global world.